O fascismo e suas expressões atuais sob a ótica do ressentimento em Nietzsche:

Aproximações e diálogos

Arthur Manara[1]

RESUMO

Propomos, no presente escrito, analisar – a partir do termo *ressentimento* – alguns aspectos do discurso fascista e de suas expressões na atualidade com base no diagnóstico do sujeito moderno apontado pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Teorizado pelo pensador na obra *A genealogia da moral* (1887), o ressentimento é associado a um tipo fraco que, impotente, é envenenado pelos sentimentos de rancor, inveja, ódio e um desejo de vingança doentios. Intentamos aproximar esse diagnóstico com uma análise de como o ressentimento se apresenta envenenando o discurso fascista clássico e contemporâneo sobretudo, como veremos, quando associado a esses sentimentos e que se consolida na vitimização e na busca insaciável por inimigos e culpados.

PALAVRAS-CHAVE

Ressentimento; Nietzsche; Fascismo; Aspirantes a Fascistas.

[1] Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)/Programa de Excelência Acadêmica (PROEX). Lattes: 3051267049831643. E-mail: tuimanara@gmail.com. ORCID: 0009-0001-7283-5926.

Fascism and its current expressions from the perspective of resentment in Nietzsche's philosophy:

Approaches and dialogues

ABSTRACT

In this paper, we propose to analyze – using the term *resentment* – some aspects of fascist discourse and its expressions today, based on the diagnosis of the modern subject pointed out by the German philosopher Friedrich Nietzsche. Theorized by the thinker in his work *The genealogy of morals* (1887), resentment is associated with a weak type who, powerless, is poisoned by feelings of resentment, envy, hatred and a sick desire for revenge. We try to approach this diagnosis with an analysis of how resentment poisons classic and contemporary fascist discourse, especially, as we will see, when associated with these feelings and consolidated in victimization and the insatiable search for enemies and culprits.

KEYWORDS

Resentment; Nietzsche; Fascism; Wannabe Fascists.

Recebido: 13/09/2025
Aceito: 28/05/2026
Publicado: 11/11/2026

DOI: https://doi.org/10.59780/muik6467

Apresentação

Ao se ler ou ouvir a palavra "ressentimento", é quase impossível não lembrar da análise que é feita desse conceito pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 – 1900). De fato, apesar de esse pensador não ter sido o primeiro a utilizar o termo,[2] é com ele que esse conceito ganha uma dimensão proeminente não só dentro de seu pensamento, como também no debate filosófico e na literatura contemporâneos, porquanto passa a ser utilizado como arcabouço teórico de pensadores posteriores, predominantemente no séc. XX, como Max Scheler[3] (1874 – 1928), por exemplo. Sua análise do termo se dará em robustez sobretudo na primeira dissertação da obra *A genealogia da moral*[4] publicada em 1887.

Este trabalho propõe-se a analisar alguns aspectos do fenômeno do fascismo histórico e suas expressões atuais com base no conceito de ressentimento teorizado por Nietzsche. Evidentemente, essa reflexão não pretende ser uma análise fechada e unívoca dessa relação. Propõe-se uma reflexão e uma aproximação, ou seja, intenciona-se pensar o populismo contemporâneo de extrema direita à luz de um conceito que nos parece fundamental. Como qualquer evento político e social, o fenômeno do Fascismo, bem como suas manifestações atuais, é complexo, multifacetado e difere em regiões e tempos históricos. No entanto, pretende-se mostrar que o ressentimento parece permanecer como um componente psicológico e social constante no discurso e nas práticas desse acontecimento. Essa reflexão é, assim sendo, de caráter especulativo, mas que se ancora em alguns trabalhos anteriores que buscam teorizar a problemática do ressentimento e sua relação com o contemporâneo.[5]

---

[2] Paschoal (2009, p. 12) nos mostra como Eugen Dühring (1833 – 1921) já utiliza o termo no livro *Der Werth des Lebens* (*O valor da vida)*, em sua teoria da justiça, no ano de 1865 e, certamente, também não foi o primeiro a utilizar. De acordo com Sparemberger (2021, p. 200), o ensaio *A covardia é mãe da crueldade* de Michel de Montaigne (1533 – 1592) "é um bom exemplo de teorização que retrata a questão do ressentimento" antes de Nietzsche. Sobre a influência de Dühring no pensamento de Nietzsche, ver Beiser (2017, p. 186-97). Nesta obra, o autor afirma que Dühring chega mesmo a antecipar a transvaloração de todos os valores proposta por Nietzsche nos anos 1880: "as prefigurações de Nietzsche são ainda mais aparentes na análise de Dühring sobre a justiça, que ele reconduz ao sentimento de vingança" (Beiser, 2017, p. 197).

[3] Trata-se do ensaio intitulado *Das Ressentiment im Aufbau der Moralen* (O Ressentimento na Construção da Moral) escrito em 1912-15.

[4] Neste escrito, optamos por citar as obras de Nietzsche de acordo com a proposta pelo periódico *Cadernos Nietzsche* onde as siglas em alemão são imediatamente acompanhadas das siglas em português e com o aforismo indicado em sequência: GM/GM – *Zur Genealogie der Moral* / *Genealogia da moral* (neste caso o algarismo romano remete à dissertação da obra); EH/EH – *Ecce homo* / *Ecce homo*; JGB/BM – *Jenseits von Gut und Böse* / *Além do bem e do mal*; MA I/HH I – *Menschliches Allzumenschliches I* / *Humano, demasiado humano I*.

[5] Tal é, por exemplo, o trabalho de Rodrigo Luis Schilling denominado *O ressentimento em Nietzsche e o ódio na internet* (2019) e o de Antônio Ruzza, *O conceito de ressentimento a partir de Nietzsche* (2020).

Se, aos olhos do filósofo alemão, o ressentimento é um estado patológico (Azeredo, 2016, p. 364), cabe-nos analisar, portanto, como ele se apresenta envenenando o discurso fascista substancialmente, como veremos, quando associado aos sentimentos de rancor, ódio e vingança, consolidando-se na vitimização e na busca insaciável por inimigos e culpados.

Esta pesquisa estrutura-se da seguinte forma: iniciaremos expondo de forma sucinta o tema do ressentimento dentro do pensamento nietzschiano e como ele se torna fundamental em um tipo de concepção moral, a escrava. Em um segundo momento, apontaremos como diversos componentes do fascismo apresentam-se em líderes e movimentos populistas da extrema direita contemporânea. Após essas explicações, buscaremos analisar alguns dos princípios desse fenômeno sob a ótica do ressentimento teorizado pelo filósofo.

Nietzsche e o ressentimento

Ao analisarmos a palavra "ressentimento" nos dicionários, podemos ler que se trata de um "sentimento de mágoa, tristeza por uma ofensa recebida" (Biderman, 1998, p. 813), ou ainda um "sentimento mais ou menos persistente de desagrado com algo ou alguém" onde o indivíduo ressentido "sente ou se ressente de dano, abalo ou moléstia" (Ferreira, 2010, p. 663). Ressentir é, portanto, tornar a sentir (Fernandes, 1979, p. 523). Esse "tornar a sentir", re-sentir, representa um afeto "persistente" que não se consegue esquecer e que, na maioria das vezes, gera um estado de dor e raiva.[6]

Todos esses significados são, de fato, equivalentes com a interpretação nietzschiana do termo. No entanto, o autor do *Zaratustra* vai além em sua análise: é relacionando o ressentimento com a noção de força e com os sentimentos de ódio, rancor e vingança que Nietzsche elaborará em sua obra uma nova aplicação do termo e que se tornará célebre em Filosofia. No verbete "ressentimento" de Nicola Abbagnano, em seu famoso *Dicionário de filosofia,* lemos que o conceito representa, em Nietzsche, o "ódio impotente contra aquilo que não se pode ser ou não se pode ter" (2000, p. 855). Poderíamos acrescentar, ainda, como um rancor contra aquele ou aquilo que de alguma forma, direta ou indiretamente, nos afetou.

[6] Segundo Paschoal, o termo, "via de regra, possui um acento negativo designando uma 'renovação de um mal sofrido, de uma dor que se ressente'" e o associa a sentimentos como rancor, ódio e desejo de vingança. "O termo 'rancor' que pode ser correlacionado a um malquerer e associado à cólera e à raiva contidas, bem como a expressão daquele sentimento de amargor, provém, certamente, da proximidade entre os termos 'ressentimento' e 'rancor', pois a palavra 'rancor', do latim 'rancōre', possui parentesco com 'rançoso', também do latim 'rancīdu', que é traduzido como: 'que cheira mal; putrefato, infecto, fétido'" (2009, p. 13).

De acordo com Antonio Edmilson Paschoal, Nietzsche amplia o significado do termo "ressentimento" quando o associa às noções de uma "fraqueza fisiológica, de uma indigestão psíquica e também de um problema social" (2009, p. 11). Esse tratamento peculiar do conceito ampliará seu domínio de análise bem como sua aplicação filosófica, e transmutar-se-á no elemento fundamental de sua crítica genealógica.

O caráter fisiológico e psicológico do ressentimento diz respeito a:

> um organismo sem forças para reagir frente às intempéries da vida e que também não consegue digerir os sentimentos ruins, aquele veneno produzido por sua não reação, passando a apresentar uma desordem psíquica que o impede de viver efetivamente o *presente* (Paschoal, 2009, p. 14).

Esse "veneno" produzido por sua incapacidade de reagir e pela percepção de sua fraqueza gera os sentimentos de rancor, inveja, ódio e um desejo de vingança doentios. Esse tipo fraco/escravo subsiste de seu ressentimento e não consegue viver o presente. Essa incapacidade de esquecer[7] ou reagir faz da "lembrança uma chaga" (Azeredo, 2016, p. 364) que o envenena. De acordo com Nietzsche, "o zangar-se, a vulnerabilidade enfermiça, a impotência de vingança, o desejo, a sede de vingança, a preparação de veneno em todos os sentidos" (EH/EH, *Por que sou tão sábio*, § 6), são propensões naturais do tipo ressentido. "Na sua impotência, o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa" (GM/GM I § 7).

Essa impotência da reação imediata frente aos estímulos externos faz com que eles não sejam digeridos, mas continuamente "re-sentidos". Esse remoer contínuo agrava desmesuradamente o ato que o gerou e sobrepõe-se, portanto, ao estímulo primeiro. Nesse sentido, como afirma Balthasar Thomass, "o *ressentimento* é mesmo a reação patológica que transforma a dor passageira em doença crônica e em verdadeira gangrena" (2019, p. 77). Há, portanto, em nível fisiopsicológico, um problema de inibição da ação pela impotência que, a partir de uma interiorização de afetos negativos, tais como o ódio e o rancor, que não são descarregados para fora, voltam-se para o interior do indivíduo gerando uma indigestão psíquica e um autoenvenenamento (*cf*. Paschoal, 2016, p. 35).

[7] Pelo escopo desta reflexão, não trabalharemos a importante teoria de Nietzsche sobre o esquecimento e a memória. Sobre esse ponto, ver GM/GM I § 10, II §§ 1 e 2; Azeredo (2003, p. 97-105); Melo Neto (2016, p. 204-206). Como afirma Scarlett Marton, "a memória encerra um mundo limitado: afugentando o desconhecido e evitando o inesperado, impede a aventura; apontando para o passado e o futuro, impossibilita a luta; trabalhando em circuito fechado, paralisa o poder de criação. Quem se mostra incapaz de esquecer, pode ser comparado a um dispéptico" (1990, p. 79).

O ressentimento também se expressa em uma abordagem social que se efetivará em uma moral: a dos escravos.[8] Se antes a fraqueza fisiológica levava a uma inanição, ou seja, a uma não reação, o tipo fraco busca dominar aqueles que o feriram por meio de uma forma de ação: a criação de valores:

> no caso de uma moral, por exemplo, mesmo em se tratando de uma forma de valorar que se constitui a partir da fraqueza, ela se faz justamente para criar as condições favoráveis para a expansão e predomínio desse homem fraco sobre os outros tipos de homem (Paschoal, 2009, p. 16).

Essa moral conceitualizada reflete a fraqueza fisiológica na consolidação de valores que, para Nietzsche, são a única forma de os fracos sobrepujarem-se (e vingarem-se) sobre os fortes.[9] O ressentimento cria valores, e é nesse momento que uma rebelião escrava na moral[10] começa:

> o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação [em níveis fisiológicos], a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um "fora", um "outro", um "não-eu" – e *este* Não é seu ato criador (GM/GM I § 10).

O ressentimento é o referencial básico da geração dos valores escravos, "é a sensação de que, se eu sofro, outra pessoa deve ser responsável por isso" (Thomass, 2019, p. 77). A vingança imaginária dá-se sempre na negação e na oposição a um "outro", um "não-eu", considerado um inimigo. O ressentimento "expressaria o *modus operandi* daquele homem fraco que, não conseguindo suportar as dores inerentes à existência, lança um olhar para fora, buscando um culpado para o seu sofrimento" (Paschoal, 2016, p. 38). Esse tipo do ressentimento:

> não consegue criar a partir da interioridade como movente, necessitando, assim, de estímulos externos: o outro é o ponto de sua criação. [...] O ressentimento forma um tipo que para se definir precisa da existência de outro e da negação desse outro, equiparando, em vista disso, negação e criação (Azeredo, 2003, p. 92).

[8] A diferenciação entre a moral dos escravos e a moral dos senhores é analisada em profundidade na obra de 1887, mas ela já é trabalhada por Nietzsche em outras obras, inclusive anteriores. Ver, por exemplo, MA I/HH I (1878) § 45: "o conceito de bem e mal tem uma dupla pré-história" e JGB/BM (1886) § 186 onde o filósofo demonstra haver uma "*tipologia* da moral" e § 260: existem "dois tipos básicos [...] há uma *moral dos senhores* e uma *moral dos escravos*".

[9] De acordo com Azeredo, de fato, "efetivamente, não há uma oposição entre as dimensões fisiológica e social da moral, porque a moral conceptualizada expressa a hierarquia entre os múltiplos impulsos e a tentativa de manter ou ultrapassar essa hierarquia, desde uma condição moral enquanto imposição de perspectiva" (2016, p. 310).

[10] Como afirma Brusotti, essa rebelião escrava na moral "por meio do cristianismo, é considerada por Nietzsche em GM/GM o acontecimento central da história da moral na Europa" (2014, p. 496).

Enquanto a moral dos nobres/senhores parte de uma consideração de si mesma e de sua superabundância de força, o escravo tem o outro como o próprio substrato de seu valor (*cf*. Azeredo, 2003, p. 93). O que se passa a seguir, a partir desse "caldeirão do ódio insatisfeito" (GM/GM I § 11), é uma verdadeira inversão da escala nobre de valorar. De fato, o nobre tira do "eu" seu conceito de "bom", parte de uma consideração de si mesmo, de uma afirmação que se exalta enquanto corpo, instinto, vida e poder. O outro, "o 'baixo', 'comum', 'ruim', é apenas uma imagem de contraste, pálida e posterior, em relação ao conceito básico, positivo, inteiramente perpassado de vida e paixão, 'nós, os nobres, nós, os bons, os belos, os felizes!'" (GM/GM I § 10). A moral dos nobres é antes de tudo dominada por um instinto de vida, por um sentimento vivo de potência.

A moral escrava, de maneira oposta, surge como uma inversão dos valores nobres, e por isso, sua ação será essencialmente uma reação. Quem é o mau a partir de agora? A resposta, com toda a certeza: "*precisamente* o 'bom' da outra moral, o nobre, o poderoso, o dominador, apenas pintado de outra cor, interpretado e visto de outro modo pelo olho de veneno do ressentimento" (GM/GM I § 11). O fraco transforma a sua fraqueza em mérito e associa os sinônimos de sua impotência à virtude:

> a impotência que não acerta contas é mudada em 'bondade'; a baixeza medrosa, em 'humildade'; a submissão àquele que se odeia em 'obediência' (há alguém que dizem impor essa submissão – chamam-no Deus). O que há de inofensivo no fraco, a própria covardia na qual é pródigo, seu aguardar-na-porta, seu inevitável ter-de-esperar, recebe aqui o bom nome de 'paciência', chama também *a* virtude; o não-poder-vingar-se chama-se não-querer-vingar-se, talvez mesmo perdão ('pois *eles* não sabem o que fazem – somente nós sabemos o que *eles* fazem!'). Falam também do 'amor aos inimigos' – e suam ao falar disso (GM/GM I § 15, ênfase original).

O tipo fraco tem no cristianismo – como nos aponta o trecho supracitado ao referenciar-se a "Deus" e passagens da bíblia – sua vitória decisiva sobre os fortes ao impor uma moral que se pretende universal. De acordo com o filósofo, o ocidente é herdeiro de uma interpretação platônico-cristã da vida que tem no espírito do ressentimento seu fundamento.

Antes de analisarmos como o ressentimento, a nosso ver, se apresenta no movimento político fascista, cabe-nos entender os principais aspectos desse fenômeno e como ele se apresenta na contemporaneidade.

O Fascismo e suas expressões atuais

O Fascismo é um fenômeno político que encontra interpretações divergentes e, muitas vezes, conflitantes entre si. Não parece possível, ainda que se busque, encontrar uma definição unívoca e homogênea desse conceito, fato que se evidencia pela grande profusão de teorias sobre o tema. Ainda que seu surgimento histórico se dê na Itália na primeira metade do século XX, manifestou-se de formas diversas em outros países europeus no mesmo período. Etimologicamente, o termo deriva de *fascio*, fazendo alusão ao termo latino *fasces*, vocábulo que denominava um machado com cabo coberto por um feixe de varas, e que era carregado por litores (oficiais romanos) na Roma Antiga, simbolizando unidade do povo, poder e autoridade estatal. Esse termo foi apropriado por Mussolini por simbolizar o estado totalitário que então concebia (*cf*. Ulhôa, 2010, p. 216). Em linhas mais gerais, o fascismo poderia ser designado como "uma forma de governo que se baseia, do ponto de vista político, numa relação populista de exacerbada emocionalidade do povo com seu líder carismático e no centralismo autoritário do estado" (Ulhôa, 2010, p. 217) e, do ponto de vista ideológico, como uma rejeição e desprezo aos valores liberais e democráticos, oposição ao socialismo e ao comunismo e ainda como uma afirmação exacerbada da sacralidade da nação e da raça. Outros fatores, como o controle da propaganda, a hierarquia política, o aniquilamento do oponente por meio do terror e da violência também se enquadram em uma caracterização mais geral desse sistema autoritário.

Essa reflexão parte de uma abordagem generalizante do fenômeno, isto é, de um "esforço por compreender as raízes do Fascismo e, de um modo mais geral, dos fenômenos autoritários evidenciados pela sociedade moderna, num conjunto de variáveis que transcendem os limites de cada uma das realidades nacionais" (Saccomani, 2000, p. 469). Ou seja, procura-se analisar as características análogas em diversos contextos que, malgrado as diferenças, reaparecem em um conjunto mais ou menos homogêneo de cenários e que ultrapassam o contexto do fascismo histórico italiano. Essa abordagem hermenêutica, na hipótese dessa reflexão, permite-nos analisar alguns jogos políticos contemporâneos à luz das sombras desse fenômeno.

O aumento significativo de governos autoritários ao redor do mundo tem-nos colocado uma série de questionamentos e incertezas. Este trabalho nasce justamente de inquietações que refletem esse momento. De fato, depois de uma certa "estabilidade" democrática[11] após a

[11] Essa "estabilidade" foi muito mais evidente em grandes democracias consolidadas, tais como a dos Estados Unidos, Canadá, dentre outras. Nas jovens democracias da América Latina por exemplo, na segunda metade do

Segunda Guerra Mundial, nosso tempo histórico nos mostra um aparecimento descomunal de populistas angariando poder. Como afirma Yascha Mounk: "não resta a menor dúvida de que estamos em um momento populista. A questão agora é se esse *momento* populista vai se tornar uma *era* populista – e pôr em xeque a própria sobrevivência da democracia liberal" (2019, p. 17, ênfase adicional).

Ainda que um governo populista possa ser de direita ou de esquerda,[12] ambos compartilham da mesma "postura antissistema e apelo eleitoral motivado pela insatisfação com elites políticas tradicionais" (Gatto; Pereira, 2018). Diferente de um político tradicional comprometido com os valores democráticos, o populista, conforme Mounk, é aquele que procura sempre dar respostas fáceis para problemas complexos e está a todo momento em busca de inimigos e de culpados pelos reveses da sociedade. Podem ser os "estrangeiros", o "*establishment* político", o "feminismo", as "mídias", o "comunismo" etc. Eles atacam as instituições independentes afirmando que elas são insuficientes para atender às genuínas demandas do povo e por dificultarem ações efetivas: "se a voz pura do povo [que angariam para si] prevalecesse, os motivos para o descontentamento popular rapidamente desapareceriam" (Mounk, 2019, p. 22). Por esse motivo, esse autor chama o populismo de uma *democracia iliberal*, ou seja, o líder populista moderno é eleito democraticamente, mas, uma vez no poder – diferentemente de uma democracia liberal[13] – começa a internamente corromper e enfraquecer as instituições que garantem os direitos básicos e individuais dos cidadãos.

Nossa análise focará em um tipo de populismo, haja vista sua ascensão mais radical, essencialmente de direita que tem em seu arcabouço discursivo e comportamental componentes marcadamente semelhantes ao do fascismo clássico inaugurado na Itália por Benito Mussolini. Seus líderes são aqueles que Federico Finchelstein denominou acertadamente, e por isso mesmo, de aspirantes a fascistas.[14] Esses "não defendem abertamente o fascismo, mas gravitam em torno de estilos e comportamentos políticos fascistas" (Finchelstein, 2024, p. 11). Há, de fato, pontos de interconexão entre o fascismo clássico e seus aspirantes atuais:

séc. XX, depois de anos de governos ditatoriais em países como o Brasil, Argentina e Chile, vemos que essa estabilidade não se mostrou tão constante.

[12] Mounk nos dá os exemplos do Syriza na Grécia e o Podemos na Espanha como movimentos populistas de esquerda. Apesar disso, infere como "a ascensão dos partidos de extrema direita tem sido ainda mais incrível que a de partidos de extrema esquerda" (2019, p. 51-52).

[13] "A *democracia liberal* é simplesmente um sistema político ao mesmo tempo liberal e democrático – um sistema que tanto protege os direitos individuais como traduz a opinião popular em políticas públicas" (Mounk, 2019, p. 44).

[14] Enzo Traverso (2023) define o termo "pós-fascismo" para se referir às particularidades dessa nova ascensão.

> como todos percorrem os mesmos caminhos e têm a política fascista por vocação, não é necessário tomarmos nenhum cuidado ao fazermos o uso da palavra exata, "fascismo", para denunciar a violência, a xenofobia, as mentiras e o comportamento ditatorial dos aspirantes a fascistas. Líderes como Trump, Bolsonaro, Modi e Orbán estão ajudando a levar o populismo de extrema direita de volta *às suas raízes fascistas*. Seu estilo e seu comportamento exibem as características principais de um governo fascista: a glorificação da violência e a militarização da política; o racismo e a discriminação; e as técnicas de propaganda cujo pioneiro foi ninguém menos que o ministro da Propaganda nazista Joseph Goebbels (Finchelstein, 2024, p. 12, ênfase adicional).

Aspirantes são denominados justamente porque em algum momento vacilaram antes de instaurar uma verdadeira ditadura. Buscam enfraquecer e até mesmo minar a democracia por dentro em uma combinação contemporânea de populismo e fascismo. Esses líderes são eleitos democraticamente e, uma vez no poder, buscam debilitar as instituições que visam garantir as liberdades individuais e o pluralismo democrático. Jair Bolsonaro no Brasil, Javier Milei na Argentina, Donald Trump nos Estados Unidos, Viktor Orbán na Hungria e Narendra Modi na Índia são exemplos de populistas aspirantes a fascistas de extrema direita que ascenderam ao poder nos últimos anos. Todos esses personagens políticos carregam em seus discursos, para além de suas diferenças específicas, uma série de características[15] que remetem, em alguma medida, à própria doutrina de Estado do Fascismo clássico que, como afirmou Evguiéni Pachukanis, pode ser determinada como uma negação dos princípios liberais e democráticos.[16] Tais princípios são:

> o princípio da disciplina em vez da liberdade pessoal; o princípio da hierarquia e das prescrições vindas do alto em vez da eletividade; o princípio da escolha aristocrática em vez da igualdade democrática; a representação "corporativa" em vez da parlamentar etc. (Pachukanis, 2020, p. 59).

Outras características incluem a desumanização de segmentos da população – isto é, "uma forma radical de subordinação e repressão do outro" (Finchelstein, 2024, p. 30) –, a figura

[15] Conforme Finchelstein, "a ideologia fascista não é um *corpus* de pensamento fechado e bem-definido, mas, sim, a glorificação de ideias muito básicas e muito destrutivas" (2024, p. 30). Umberto Eco infere que, a despeito de uma série de confusões que o termo "fascismo" pode suscitar, é possível indicar algumas características e arquétipos daquilo que denomina como "Ur-fascismo" ou "fascismo eterno": "tais características não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo. Mas é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista" (2018, p. 44). Tais características são, de acordo com o filósofo italiano: o culto da tradição, a recusa da modernidade, a ação pela ação, o desacordo como traição, o racismo, o apelo às classes médias frustradas, a xenofobia, a busca por um inimigo, o antipacifismo, o elitismo, o heroísmo, o machismo, o "populismo qualitativo" e a "novilíngua".

[16] Como afirmamos anteriormente, apesar de o líder populista poder ser eleito democraticamente, suas atitudes podem ser explicitamente antidemocráticas.

de um líder forte e centralizador,[17] "o nacionalismo e o chauvinismo levados ao extremo" (Pachukanis, 2020, p. 59) e, a mais marcante, a *divisão*, que Jason Stanley denominou de a política do "nós" e "eles", que "apela para distinções étnicas, religiosas ou raciais" para moldar sua ideologia e sua política (*cf.* Stanley, 2019, p. 15). Há, portanto, uma série de tendências comportamentais desses aspirantes que os colocam tão próximos do fascismo.[18] Esse *maniqueísmo político* não apenas divide o "nós" e "eles", mas também os "bons" e os "maus", o "povo" e o "antipovo" etc. O adversário político transforma-se em verdadeiro inimigo.[19]

A ameaça fascista nas sociedades atuais nos mostra os perigos de um discurso que parecia reservado ao passado. Michela Murgia chega mesmo a afirmar que o fascismo é "como um herpes [...] que pode resistir décadas inteiras na medula da democracia fazendo-se invisível, para depois aparecer mais viral do que nunca no primeiro e previsível enfraquecimento de seu sistema imunológico" (2019, p. 20). Da mesma maneira que o fascismo clássico, esse novo populismo de extrema-direita se faz atraente em épocas de crises. Como veremos, o discurso fascista se vale, em grande medida, do ressentimento para angariar poder.

O discurso fascista e suas expressões atuais sob a ótica do ressentimento

O professor Thomas Poguntke afirmou que uma das características mais marcantes dos populistas da nova direita moderna e de seus adeptos é que "eles são muito melhores em dizer o que não gostam, sobre o que se ressentem, do que o que querem" (Gomes, 2018). Poderíamos acrescentar ainda que o "querem" parte, quase sempre, da negação daquilo que não são e daqueles que não gostam, ou seja: seu ato, seu discurso, nasce predominantemente da consideração de um outro. Outro, este, sempre classificado como inimigo. "Não há fascismo sem inimigos. Não há fascismo plenamente desenvolvido sem uma subsequente repressão e perseguição" (Finchelstein, 2024, p. 111). Isso, seguramente, reflete nas características mais marcantes de seus discursos e projetos políticos.

[17] "Cada vez que um político põe em dúvida a legitimidade do parlamento por não representar mais a 'voz do povo', pode-se sentir o cheiro do Ur-fascismo" (Eco, 2018, p. 58).
[18] Para Finchelstein, os quatro pilares do fascismo, como apontado anteriormente, são: a violência e a militarização da política, o racismo, as mentiras e a ditadura (2024, p. 28). No caso brasileiro, o único elemento que faltou ao bolsonarismo foi a ditadura. A tentativa de golpe no dia 8 de janeiro de 2023, a partir dessa reflexão, poderia ter transformado Bolsonaro em um verdadeiro ditador de cunho abertamente fascista. As mentiras sobre fraudes nas eleições encorajam os apoiadores desses populistas ao ataque às instituições e ao sistema eleitoral como um todo.
[19] Em sua campanha eleitoral de 2018 o então candidato Jair Bolsonaro, enquanto discursava em Rio Branco, capital do Acre, disse para seus apoiadores querer "fuzilar a petralhada".

O fascista e seus aspirantes são exemplos vivos de como o rancor, o ódio, a frustração, a vitimização e o sentimento de vingança – ou seja, as características centrais do homem ressentido teorizado por Nietzsche – podem servir muito bem como instrumentos políticos.[20] O líder busca usar desses sentimentos para angariar seguidores em diversas camadas sociais. Sua tática principal – tal qual o tipo decadente nietzschiano – é sempre direcionar o ressentimento contra algum inimigo específico ou até mesmo genérico.[21] Preocupam-se muito menos em propor algo do que em apontar o dedo para um outro; na linguagem do filósofo, um "fora", um "não-eu" é seu referencial inicial. A vitimização ao acusar um outro muitas vezes é usada para encobrir a própria ineficiência no governo do país. Ou seja, uma vitimização nascida da própria impotência.

O ressentimento, a despeito das diferenças importantes que os movimentos populistas têm entre si, é um componente comum dentre eles; "o ressentimento encaminha a pessoa para os braços de um líder populista (Ruzza, 2020, p. 53). Vimos que a concepção política fascista é marcada principalmente pela contraposição a algum inimigo. Tal como o homem ressentido e sua moral apresentada por Nietzsche na *Genealogia da moral*, o fascismo, para se impor, precisa antes de tudo se contrapor (Murgia, 2019, p. 45). O "outro" é sempre seu ponto de partida (GM/GM I § 10). Após a identificação do suposto inimigo e de sua deslegitimação, cabe ao fascista culpá-lo pelos infortúnios sociais. O ressentimento é o pilar da projeção de um inimigo e, como nos parece, ingrediente salutar do fascismo. Na Itália, o fascismo teve como um dos fatores de seu desenvolvimento justamente uma *reação* aos temores gerados pela revolução bolchevique[22] e aos traumas da Primeira Guerra (Finchelstein, 2024, p. 128). Movimento que parece ter, portanto, o temor e o ressentimento como um dos seus alicerces.

No caso do fascismo e de seus aspirantes contemporâneos, a perspectiva dominante, apoiada em uma imagem patriarcal e tradicional de família, de um "culto misógino à virilidade"

[20] Cabe-nos, aqui, um importante esclarecimento. Conforme nos diz Ruzza, apoiando-se na psicanalista Maria Rita Kehl e seu livro *Ressentimento* (2004), "em uma situação de opressão, em que todos os direitos são suspensos e os indivíduos desumanizados (como sob uma ditadura violenta ou em um campo de concentração), fica impossível esboçar uma reação, que certamente fracassaria por motivos objetivos; assim, aparece o desejo de vingança, que não pode ser realizado até que não aconteça um fato novo (como a queda do regime opressor ou a libertação do campo por parte de um exército). Mas [conforme Kehl] 'esta vingança adiada não é a mesma das elucubrações mentais a que se entrega o ressentido, psicologicamente impotente para dar outro sentido à sua amargura'. [...] Conclusão: essas pessoas oprimidas que sofreram e alimentaram desejo de vingança não podem ser consideradas ressentidas; no máximo, são resignadas ou abatidas, na espera da desforra" (Ruzza, 2020, p. 50).

[21] Por genérico entendemos uma categorização na maioria das vezes vazia, como "os comunistas", "os globalistas", "as feministas" etc.

[22] Pachukanis afirma que a "radical distinção entre fascismo e comunismo está na forma: a ação política revolucionária em vista da superação das formas capitalistas *versus* a ação política reativa que busca salvar essas mesmas formas" (2020, p. 15-16).

(Finchelstein, 2024, p. 132), investe seu ódio e ressentimento contra qualquer pessoa ou grupo que conteste essa visão:

> o fascismo consiste na perspectiva dominante, e, assim, durante momentos fascistas, há um forte apoio no sentido de que se denunciem disciplinas que ensinam perspectivas diferentes das dominantes, como estudo de gênero[23] ou, nos Estados Unidos, estudos afro-americanos ou estudos do oriente médio. A perspectiva dominante é muitas vezes deturpada, sendo apresentada como a verdade, a "história real", e qualquer tentativa de permitir um espaço para perspectivas alternativas é ridicularizada como "marxismo cultural" (Stanley, 2019, p. 54).

Grupos que contestem ou simplesmente não se identificam com a visão patriarcal tradicional são identificados como "imorais" e "inimigos da família". Esse ressentimento surge de uma *reação* que intenta a manutenção de um lugar de domínio e *status* social. A concepção de papéis de gênero muito bem definidos é apresentada como uma realidade biológica e até mesmo como um dado factual da natureza. De fato, "a natureza é repetidamente invocada na escrita fascista" (Stanley, 2019, p. 86). O ressentimento – respaldado por essa pseudociência – recai contra aqueles que resistem e questionam tal narrativa, como homossexuais e feministas, por exemplo, gerando uma sensação de vitimização e perda de *status*:

> a propaganda fascista normalmente apresenta hinos pungentes diante do sentimento de angústia que acompanha a perda do *status* dominante. Esse sentimento de perda, que é genuíno, é manipulado na política fascista, transformando em vitimização e ressentimento e explorado para justificar formas de opressão passadas, atuais ou novas (Stanley, 2019, p. 102).

Outro fator do ressentimento brota de um certo tipo de nacionalismo excludente[24] que leva a atitudes e discursos xenofóbicos. O líder fascista abusa de uma noção específica de "nação"[25], de uma homogeneidade imaginada de nação que se ancora mais uma vez na divisão "nós" (povo) e "eles" (antipovo). Em diversos casos, como no Brasil de Bolsonaro, o inimigo não é necessariamente um estrangeiro, mas pode ser identificado inclusive internamente. Apoiadores do ex-presidente usaram a bandeira nacional como símbolo de um verdadeiro

[23] No Brasil, vemos o pânico moral propagado por políticos da extrema-direita sobre o uso dos banheiros em escolas por pessoas transgênero, por exemplo.

[24] Stanley nos mostra que há dois tipos de nacionalismos. Um deles, genuíno, nasce daqueles grupos historicamente oprimidos e visa antes de tudo a igualdade. O outro, típico do discurso fascista, é excludente e nasce em prol da dominação: "é o nacionalismo a serviço da dominação, com o objetivo de preservar, manter ou conquistar uma posição no topo de uma hierarquia de poder e *status*" (2019, p. 100-101).

[25] Como nos mostra Ruiz (2011), "na origem da soberania moderna estaria a nação. Esta por sua vez remete aos nascidos numa terra. É o sangue e o nascimento num território que constituem a soberania moderna do Estado-nação. Aqueles que não tiverem o sangue dos nacionais nem tiverem nascido no território estão fora da soberania e, consequentemente, das plenitudes dos direitos". Essa separação legitima a divisão entre aqueles que teriam o "direito real e pleno de cidadania" e os "outros".

nacionalismo contra os "inimigos da nação". O líder é visto como a própria encarnação da vontade do povo. Nesse cenário, aqueles que questionam ou criticam o líder são vistos como os inimigos do "povo" e da "nação". Tanto na ideologia fascista quanto a de seus aspirantes contemporâneos "uma pretensa 'verdadeira consciência nacional'" é aplicada em contraposição "aos 'inimigos' internos [...]. Esses 'inimigos' domésticos são invariavelmente instituições e indivíduos que defendem a democracia" (Finchelstein, 2024, p. 139) ou, mais radicalmente, aqueles que tão somente não seguem ou não concordam com o líder. O nacionalismo está na medula do fascismo: "o líder fascista emprega um sentimento de vitimização coletiva para criar uma noção de identidade de grupo que é, por sua natureza, oposto ao *ethos* cosmopolita e ao individualismo da democracia liberal" (Stanley, 2019, p. 109).

O apelo à "unidade nacional" direciona o ódio e o rancor de grande parte da população ressentida a grupos minoritários e marginalizados[26] – como os imigrantes, por exemplo – que fogem aos "parâmetros" e à "pureza" que lhes são impostos. Conforme Umberto Eco afirmou, "os únicos que podem fornecer uma identidade às nações são os inimigos" (2018, p. 50-51). Como o ressentimento também tem muito a ver com o medo (Gomes, 2018), o populista e o aspirante a fascista o utiliza para propagar ideias e ações abertamente antidemocráticas e xenofóbicas:

> quando Trump fala a respeito da 'infecção' trazida pelos imigrantes, da perda da cultura e de sua saudade de um passado 'dourado', ou quando Matteo Salvini, na Itália, sugere uma 'limpeza em massa' a ser feita 'rua por rua', eles estão na verdade se referindo à defesa da pureza e da homogeneidade étnica e cultural (assim imaginada) de suas nações (Finchelstein, 2024, p. 145).

Quando essas minorias conquistam certos direitos e razoável grau de igualdade, parte da população ressente-se e vitimiza-se, culpando tais grupos de serem invasores ou corruptores dessa unidade. Ressentimento, portanto, associado ao rancor, ódio, medo, vitimização e raiva.

Diante do exposto acima perguntamo-nos: não estariam esses sentimentos incrustrados no discurso patriarcal, xenofóbico, racista e ultranacionalista que compõem, dentre outros, o arquétipo fascista clássico e contemporâneo? Em face das diversas dificuldades e complexidades do mundo moderno, o ressentimento, quando nasce da impotência e visa à exclusão, não se converte em poderosa arma política?

[26] Um exemplo desse nacionalismo excludente é a organização alemã *Pegida* (*Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes*) ou "Europeus Patriotas contra a Islamização do Ocidente": movimento que alega os direitos de um "povo real e legítimo" contra imigrantes ou refugiados muçulmanos e outras minorias.

Considerações finais

Evidentemente, essa reflexão é de caráter especulativo e, portanto, aberto a novas interpretações. Não se defende que o fenômeno do ressentimento apareça tão somente no discurso de cunho fascista. Ele pode aparecer – e aparece – em diversos extratos sociais e inclusive – como acontece – em populismos de esquerda. Objetiva-se refletir, no entanto, dado a sua profusão nos tempos atuais, como o ressentimento revela-se em alguns discursos caracteristicamente fascistas e como eles reaparecem na contemporaneidade com os populistas de extrema direita aspirantes a fascistas, principalmente em manifestações ancoradas na ira, no rancor, na xenofobia, e no sentimento de vitimização.

A análise realizada ao longo dessa pesquisa procurou aproximar os elementos substanciais do ressentimento proposto por Nietzsche com alguns discursos políticos que marcaram o séc. XX e que continuam a nos afetar. Evidenciou-se como o conceito excede os limites de uma análise teórica e conceitual ao se transformar em um dos componentes basilares de um projeto de dominação hodierno. Nesta reflexão, vimos como esse sentimento está no cerne do discurso e em diversas atitudes fascistas. Atentamos para o fato de que o ressentimento – na ótica nietzschiana, tomado como característica de um tipo humano fraco e decadente –, ao ser instrumentalizado em um propósito político, pode ser de grande potencial destrutivo. A oposição, a contraposição, a culpabilização, o rancor, o ódio, a busca por inimigos, a sede de vingança constituída pela dificuldade em suportar diferenças e a imposição de uma só perspectiva são características primais da divisão do "nós" e "eles" e do humano ressentido teorizado pelo filósofo de Sils-Maria.

O Fascismo é um fenômeno que não está relegado ao passado, mas, como apontado – não obstante as importantes diferenças históricas e conjunturais –, está presente no nosso cotidiano, seja na linguagem, atitudes ou gestos mais ou menos explícitos, seja na figura de seus aspirantes contemporâneos e de muitos dos seus seguidores. Nas palavras de Umberto Eco, o:

> Ur-fascismo está ao nosso redor, às vezes em trajes civis. Seria muito confortável para nós se alguém surgisse na boca de cena do mundo para dizer: 'quero reabrir Auschwitz, quero que os camisas-negras desfilem outra vez pelas praças italianas!' Infelizmente, a vida não é fácil assim! O Ur-fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes (2018, p. 60-61).

Estas aproximações e diálogos, como sugere o título desta pesquisa, surgem de uma urgência de se pensar o contemporâneo. Este trabalho propôs uma ampliação do olhar sobre o ressentimento como chave hermenêutica para compreender uma das faces do autoritarismo moderno. Cabe-nos refletir sobre o tema para que possamos, justamente, despir o fascismo de suas vestes inocentes, nos prevenir e combater esse novo ataque à democracia em nossos tempos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Benedetti. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AZEREDO, Vânia. Moral. *In*: MARTON, Scarlett (org.). *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2016, p. 309-11. (Sendas e veredas)

AZEREDO, Vânia. *Nietzsche e a dissolução da moral.* São Paulo: Discurso Editorial. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

AZEREDO, Vânia. Ressentimento. *In*: MARTON, Scarlett (org.). *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2016. (Sendas e veredas)

BEISER, Frederick. *Depois de Hegel*: a filosofia alemã de 1840 a 1900. Trad. Gabriel Ferreira. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

BIDERMAN, Maria. *Dicionário didático de português.* São Paulo: Ática, 1998.

BRUSOTTI, Marco. Ressentimento *In*: NIEMEYER, Christian (org.). *Léxico de Nietzsche*. Trad. Ernani Chaves *et al*. São Paulo: Loyola, 2014, p. 495-97.

ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. Porto Alegre: Globo, 1979.

FERREIRA, Aurélio. *Mini Aurélio*: o dicionário da língua portuguesa. 8ª ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FINCHELSTEIN, Federico. *Aspirantes a fascistas*: um guia para entender a maior ameaça à democracia. Trad. Rodrigo Seabra. São Paulo: Vestígio, 2024.

GATTO, Malu; PEREIRA, Rafael. O avanço global do populismo e o que esperar no Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 abr. 2018. Política. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/o-avanco-global-do-populismo-e-o-que-esperar-no-brasil.shtml. Acesso em: 21 ago. 2025.

GOMES, Luís. O que unifica a nova direita populista é o ressentimento, diz professor alemão. *Sul 21*, Porto Alegre, 3 dez. 2018. Entrevistas. Disponível em:

https://sul21.com.br/entrevistasz_areazero/2018/12/o-que-unifica-a-nova-direita-populista-e-o-ressentimento-diz-professor-alemao/. Acesso em: 18 ago. 2025.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche.* Das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MELO NETO, João Evangelista Tude de. Esquecimento. *In*: MARTON, Scarlett (org.). *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2016, p. 204-206. (Sendas e veredas)

MOUNK, Yascha. *O povo contra a democracia*: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. Trad. Cássio de Arantes Leite e Débora Landsberg. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

MURGIA, Michela. *Instruções para se tornar um fascista.* Trad. Julia Scamparini. Belo Horizonte: Âyiné, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral* – uma polêmica. Trad., notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal.* Prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad., notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. de Bolso, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*. Como alguém se torna aquilo que é. Trad. Diego Kosbiau Trevisan. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano.* Um livro para espíritos livres. Trad., notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. de Bolso, 2006.

PACHUKANIS, Evguiéni B. *Fascismo*. Trad. Paula Vaz de Almeida. São Paulo: Boitempo, 2020.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. As formas do ressentimento na filosofia de Nietzsche. *Philósophos*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 11-33, 2009. https://doi.org/10.5216/phi.v13i1.7961.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. O ressentimento como inibição da ação, reação e ação na filosofia de Nietzsche. *Revista de filosofia moderna e contemporânea*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 34-43, 2016. https://doi.org/10.26512/rfmc.v4i1.12531.

RUIZ, Castor Bartolomé. O campo como paradigma biopolítico moderno. *IHU Online*, São Leopoldo, v. 372, set. 2011.

RUZZA, Antonio. O conceito de ressentimento a partir de Nietzsche. *Lumen*, v. 5, n. 9, p. 1-15, jan./jun. 2020.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (org.). *Dicionário de política*. Trad. Carmen Varriale *et al*. 5ª ed. Brasília: Ed. UnB, 2000, p. 466-75.

SCHILLING, Rodrigo. O ressentimento em Nietzsche e o ódio na internet. *Prometheus*, v. 11, n. 31, p. 33-51, 2019.

SPAREMBERGER, Cristian. O ressentimento na filosofia de Nietzsche. *Cadernos de ética e filosofia política*, v. 1, n. 38, p. 199-211, 2021. https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v1i38p199-211.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo*: a política do "nós" e "eles". Trad. Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2019.

THOMASS, Balthasar. *Afirmar-se com Nietzsche*. Trad. Fábio Creder. Rio de Janeiro: Vozes Nobilis, 2019.

TRAVERSO, Enzo. *As novas faces do fascismo*. Trad. Mônica Fernandes, Rafael Mello e Raphael Lana Seabra. Belo Horizonte: Âyiné, 2023.

ULHÔA, Joel. Fascismo. *In*: BARRETTO, Vicente (org.). *Dicionário de filosofia política*. São Leopoldo: Unisinos, 2010, p. 216-19.